

**OBRAS INDICADAS PELA
UFPI/PSIU - 3ª SÉRIE
RESUMO DE OBRA
OS QUE BEBEM COMO OS CÃES
*Assis Brasil***

Os que bebem como os cães

(Assis Brasil)

Prof. Jorge Alberto

I-RESUMO BIOGRÁFICO:

Francisco de Assis de Almeida Brasil é natural de Parnaíba (1932). Juntamente Com O.G.Rego, Assis Brasil é um dos romancistas piauienses mais importantes na atualidade. Os gêneros explorados por este autor são os mais variados, desde o romance, passando pelo conto, a novela e a crítica literária. Vive atualmente do ofício de escritor.

II- PRINCIPAIS OBRAS:

Romances

Tetralogia Piauiense

- Beira Rio Beira Vida (1965, Prêmio Walmap)
- A Filha do Meio Quilo (1966)
- Salto do Cavalo Cobridor (O Caboclo e a Cigana) (1966)
- Pacamão (1969)

Ciclo do Terror

- Os que Bebem como os Cães (1975, Prêmio Walmap)
- Aprendizado da Morte (1976)
- Deus, Sol, Shakespeare (1978)
- Os Crocodilos (1980)

Quarteto de Copacabana

- Destino da Carne (1982)
- Sodoma Está Velha (1985)
- Prestígio do Diabo (1988)

Romances Históricos

- Nassau: Sangue e Amor nos Trópicos (1990)
- Villegagnon, Paixão e Guerra na Guanabara (1991)
- Tiradentes, Poder Oculto o Livro da Força (1993)
- Jovita: Missão Trágica no Paraguai (1994)

Novelas

- Livro de Judas (1970)
- Ulisses, o Sacrifício dos Mortos (1970)
- A Volta do Herói (1974)
- A Rebelião dos Órfãos (1975)
- Tiúbe, a Mestiça (1975)

Contos

- Contos do Cotidiano Triste (1955)
- A Vida Não É Real (1975)

De toda a sua obra, destacam-se dois ciclos: a Tetralogia Piauiense e o Ciclo do Terror.

OS QUE BEBEM COMO OS CÃES

Os que Bebem Como os Cães deu novamente a Assis Brasil o Prêmio Walmap, em 1975. É uma obra de cunho político. Aqui, o autor denuncia o submundo da opressão militar. Embora não seja evidenciado o tempo em que transcorre a narrativa, fica implícito se tratar da ditadura militar no Brasil.

O enfoque principal é o personagem Jeremias. Professor de Literatura, é preso por contestar o sistema vigente. A narrativa se inicia com o protagonista no cárcere. Completamente dopado, vivendo em um cubículo escuro, com os braços algemados para trás (em condições animais para comer, fazendo suas necessidades fisiológicas na roupa), ele ignora tudo relacionado à sua pessoa. Não se lembra de nada ligado a sua vida. O enredo vai repetindo a monotonia de sua estada na prisão (A CELA - O PÁTIO - O GRITO) por 41 capítulos, inserindo o leitor no massacre psicológico sofrido pelo preso.

Na cela, Jeremias vive em um clima de desorientação temporal, o que, com as drogas que ingere nas refeições, dificulta-lhe a organização de seus pensamentos. Em um processo introspectivo, começa aos poucos a (re) descobrir alguns valores, como, por exemplo, Deus:

"Oh Deus - repetia. (...) O meu amor por Ti é novo, pois não Te conhecera antes (...). Minha mãe, os entes que amei, ficaram na escuridão do mundo, perdidos, e eu Te achei na claridade desta cela."

No pátio se depara com o autoritarismo dos soldados. A liberdade de expressão é cerceada por uma mordaca. Os presos, ao soltarem seus gritos de agonia, são amordaçados e impelidos brutalmente para seus cubículos, sofrendo ainda mais privações. O pátio, além de ser o momento de higiene, representa o contato com os outros homens, um anseio maior de liberdade.

O grito é o momento de desespero dos prisioneiros antes de retornarem para as celas. As expressões que saem de suas entranhas representam valores afetivos distantes, como "mãe", "Deus" e nomes de mulheres.

Aos poucos, Jeremias vem se reconhecendo: lembra-se de seu nome e profissão; que era casado com Dulce (criticando-o por se envolver com questões políticas); que possuía uma filha,

Cacilda (de longas tranças, desejando a boneca da avó); de sua mãe, Matilde (com uma expressão serena) e do pai (não nomeado, chamando-o de profeta em alusão à Bíblia).

O tempo ficcional é psicológico. É o narrador onisciente (de terceira pessoa) que nos mostra os conflitos e as revelações interiores do protagonista. Tais descobertas é que se integram à trama, juntamente com a vida na prisão.

Os soldados amarelos representam a opressão, com suas marchas cadenciadas, ordens ríspidas e autoritárias. Os outros presos representam as vítimas da opressão, entrando em apatia no transcorrer da narrativa e optando pelo suicídio (rasgando os pulsos no muro). O núcleo familiar de Jeremias só aparece em suas recordações, quando vai ganhando consciência de quem é e do porquê estar ali.

Embora os homens venham continuamente se suicidando no pátio, Jeremias grita em prol da resistência - "Não desistam, homens!". Acaba por se sucumbir, buscando a morte como último recurso e deixando uma interrogação: "O Homem é uma paixão inútil?".